

CONSTRUINDO SABERES EM SAÚDE MENTAL: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP

Ana Julia Martins Gemignani, Giuliane Roberti Maia, Laisla Beatriz Pereira Neves, Eduardo Guadagnin

Universidade do Vale do Paraíba, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, ana.mgemignani@gmail.com, giulianemaia08@outlook.com, laislabeatriz36@hotmail.com, eduardo.guadagnin@univap.br

Resumo

Este artigo trata-se de um relato de experiência de estágio desenvolvido com um grupo de artes expressivas em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS II) da cidade de São José dos Campos/SP. O objetivo do trabalho foi estimular a arte a fim de promover a saúde mental entre os usuários do CAPS. Participaram do grupo cerca de 20 pessoas adultas, com idades variadas. Foram realizadas treze sessões grupais, entre os meses de março a junho de 2024. As atividades desenvolvidas foram sobre reflexão com músicas acerca do Dia da Mulher, uso de poesias a respeito da violência contra a mulher, trabalho com o significado das emoções, confecção de caixinha das emoções, roda de conversas sobre quais emoções colocar na caixinha, labirinto das emoções, desenho sobre sentimentos, confecção de cartaz sobre importância da Luta Antimanicomial e do Caps, autorretrato, recorte e colagem sobre momentos felizes, confecção e decoração de bandeiras de festa junina e atividade de psicodrama.

Palavras-chave: Saúde Mental, CAPS, Artes Expressivas.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

O município de São José dos Campos oferece atendimento em saúde mental com 40 Unidades Básicas de Saúde (UBS) para atendimento primário e encaminhamento para serviços especializados. Há uma Unidade Emergencial em Saúde Mental 24h nas dependências do hospital Francisca Júlia. Quanto ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), a cidade conta com quatro unidades: o CAPS Infantil, o Centro-Norte, o Sul e o CAPS AD3 – Álcool e Drogas. CAPS é a sigla para Centro de Atenção Psicossocial, gerenciado pela Secretaria da Saúde, é um serviço de referência para pessoas que sofrem com transtornos mentais, psicoses, neuroses graves e demais quadros, cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência num dispositivo de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e promotor de vida (Prefeitura de São José dos Campos, 2024).

O trabalho foi realizado em um CAPS II, que atende 500 pessoas e funciona durante toda a semana, do período da manhã até o início da noite, com uma equipe multidisciplinar, que conta com médicos, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, psicólogos, técnicos de enfermagem, profissionais da limpeza e secretárias.

A unidade conta com um grupo de artes expressivas, cujo objetivo é relacionar arte e saúde mental, no qual a equipe de estágio participou, junto aos usuários selecionados pela unidade. As atividades foram realizadas com um número fixo de usuários, aproximadamente 20 pessoas. O intuito deste grupo é propiciar, através de expressões artísticas, de qualquer forma, podendo ser desenho, pintura, colagem, escultura, atuação etc, a abordagem de temáticas relevantes para a saúde mental, bem como, favorecer a expressão subjetiva do sujeito.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência, que visa, além de narrar a vivência, enriquecer essa experiência por meio de uma abordagem crítica e reflexiva, com respaldo teórico-metodológico (Mussi; Flores; Almeida, 2021). Adota uma descrição crítica, que implica em uma avaliação reflexiva do trabalho. A autoavaliação é crucial para alcançar uma visão crítica, pois pensar sobre as ações

presentes ou passadas ajuda a melhorar as futuras. Assim, refletir sobre a prática é indispensável tanto na atuação quanto na formação profissional (Freire, 2006). O intuito é examinar a ação, evidenciando suas particularidades e possíveis contribuições para o âmbito acadêmico e profissional.

Para tal, as atividades realizadas no estágio, sua aplicação e contexto, foram utilizadas para descrever a pesquisa. Não foram coletados relatos com os usuários do sistema, portanto, diferencia-se do Método de Pereira (2013) em que se utiliza um roteiro pré-estruturado. Logo, as intervenções foram pensadas em conjunto com a equipe técnica responsável pelo grupo, a partir das demandas trazidas pelos participantes semanalmente.

Resultados e Discussão

Com relação ao grupo, pode-se identificar a arte enquanto meio sublimatório de transtornos psiquiátricos, dando vazão às angústias e sofrimento psíquico sentido pelos usuários. Dessa forma, Nise da Silveira (2015) nos diz que pintar “seria um método de ação adequado para defesa contra a inundação pelos conteúdos do inconsciente” (p. 16). Conteúdos, esses, angustiantes em sua maioria. Parafraçando o historiador da arte Wilhelm Worringer, Nise diz que “a arte virá retirar as coisas desse redemoinho perturbador, virá esvaziá-las de suas manifestações vitais sempre instáveis para submetê-las às leis permanentes que regem o mundo inorgânico” (Silveira, 2015, p. 20). Sendo, dessa forma, as expressões artísticas catalisadores das representações inconscientes, daquilo que, muitas vezes, não consegue ser expresso em palavras.

Trata-se, por sua vez, da criação de um espaço terapêutico não tão ancorado em técnicas, mas em ofertar o próprio espaço, “escuta, o vazio de onde irão surgir novos significantes do sujeito” (Iarema, 2011, p. 69). Lima (2001) descreve, que Winnicott, ao postular acerca do objeto transicional, o bebê teria algo da composição de duas realidades psíquicas, interna e externa, e que a arte, “como eixo do plano terapêutico, levava o paciente a refletir sobre si, podendo se sentir mais real. E refletindo sobre si através da arte, pode pensar de forma mais suportável sobre os limites da vida” (Iarema, 2011, p. 70). A autora, conclui dizendo:

Quando se está aberto para a escuta de um sujeito em sofrimento psíquico, proporcionando a ele o espaço e os recursos necessários para que ele expresse sua singularidade subjetiva simbolicamente, o que poderia aparecer como auto ou hetero-agressividade passa a ser manifestado de outra forma. Se isso se dá pela arte, por exemplo, o que poderia ser visto como absurdo ou patológico é contextualizado e aceito socialmente, e o sujeito passa a poder lançar mão de novos significantes que o representem (Iarema, 2011, p. 71).

Sendo assim, pode-se dizer que as oficinas terapêuticas representam uma ferramenta importante para a ressocialização e inserção individual em grupos, uma vez que, propõe o trabalho, o agir e o pensar coletivos, permitindo a projeção de conflitos internos ou externos por meio de atividades artísticas. Assim, o potencial criativo e imaginativo do usuário pode ser explorado (Azevedo; Miranda, 2011). Desse modo, os CAPS têm sido a principal ferramenta para a desinstitucionalização e desmonte do modelo asilar de assistência à saúde mental, buscando garantir os direitos aos usuários inclusive o direito de decidir sobre seu tratamento. Além disso, se constituiu na rede como “serviço que se diferencia das estruturas tradicionais e que se orienta pela ampliação do espaço de participação social do sujeito que sofre, pela democratização das ações, pela não segregação do adoecimento psíquico e pela valorização da subjetividade, com base das ações multiprofissionais” (Tavares; Sousa, 2009, p.254).

Onocko-Campos e Furtado (2006) afirmam que os CAPS se configuram como serviços comunitários, ambulatoriais e regionalizados, em que assumem o papel de articular a rede de saúde, aproximando questões relativas à saúde coletiva e a saúde mental, constituindo um campo interdisciplinar de saberes e práticas. E apontam que o modelo manicomial de tratamento deve ser rompido, e que seja constituído uma atuação alinhada aos princípios do SUS, promovendo uma clínica ampliada, centrada no sujeito, buscando garantir o acesso, o que acaba por caracterizar os CAPS como serviços de saúde particularmente complexos.

Portanto, o processo terapêutico se pauta no resgate das potencialidades e na reinserção social no território, promovendo a inserção do usuário em espaços comunitários, rejeitando a exclusão social

e a marginalização, seja real ou simbólica. Neste sentido, compreende-se o território como "espaço geográfico habitado, instituído de significados, afeto, o espaço de laços sociais e de garantia de qualidade de vida, de manutenção econômica e de exercício político dos cidadãos" (Nunes; Jucá; Valentim, 2007, p.2380). Ainda, é importante considerar que este território é composto por pessoas, suas histórias e suas relações sociais, caracterizando uma comunidade com diversos componentes que comumente a compõem, como associações, corporativas, organizações setoriais e sociais (Silva; Fonseca, 2005).

Logo, podemos afirmar que os psicólogos têm como desafio a possibilidade de construir a crítica ao discurso biomédico e à perspectiva reducionista acerca da experiência da loucura, que considera o sujeito apenas como um corpo enfermo, a ser contido (em hospitais psiquiátricos) e medicado. O desafio está posto como necessidade para o reconhecimento da dimensão cultural que atravessa a existência desses sujeitos e conforma suas subjetividades. Tal reconhecimento é essencial para resgatar a dimensão humana do fenômeno da loucura e a dimensão do sofrimento que atravessa essa experiência humana (CFP, 2013; Belotti et al., 2017).

Conclusão

As atividades do grupo de expressões artísticas buscam oferecer de forma terapêutica e inclusiva, um ambiente onde os usuários possam explorar suas emoções, além de desenvolver habilidades pessoais e sociais, a fim de provocar melhora em seu bem-estar geral. Neste grupo onde as atividades foram realizadas, foi possível perceber a relação de troca existente entre os usuários.

As expressões artísticas também puderam proporcionar aos participantes do grupo uma saída para expressar emoções que, em alguns momentos, poderiam ser difíceis de se expressar verbalmente. Ademais, ofereceu-se um ambiente social positivo e de apoio, possibilitando bastante interação entre os usuários, que podiam contar com um ambiente descontraído e acolhedor, fato que era perceptível através da segurança dos presentes em partilhar suas questões internas, assim como na forma de tratarem uns aos outros e nas alegrias compartilhadas durante os encontros.

Através da realização das atividades, pode-se perceber o quanto os indivíduos usavam expressões artísticas para externalizar conteúdos internos. Aspectos como este, evidenciam a importância das oficinas como um instrumento terapêutico, possibilitando aos usuários do serviço um lugar de expressão e acolhimento, por meio de recursos que não sejam necessariamente a fala. Por meio das atividades desenvolvidas no grupo de expressões artísticas ao longo do semestre, foi possível confirmar o quanto as oficinas colaboram para a expressão emocional, desenvolvimento pessoal, integração social e até mesmo, a redução do estigma.

Referências

AZEVEDO, D. M. DE; MIRANDA, F. A. N. DE. Oficinas terapêuticas como instrumento de reabilitação psicossocial: percepção de familiares. **Escola Anna Nery**, n. 15, v. 2, p. 339-345, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (2013). Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. **Referências técnicas para atuação de psicólogos (os) no CAPS - Centro de Atenção Psicossocial**. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-os-no-caps-centro-de-atencao-psicossocial/>>.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IAREMA, I. D. P. A Sublimação como finalidade do trabalho em saúde mental. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, [s/n], v. 2, p. 59 – 73, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unespar.edu.br/incantare/article/view/177/184>>. Acesso em: 19 jun 2024.

LIMA, S. A. **A clínica do possível: tratando de dependentes de drogas na periferia de São Paulo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. DE. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, n. 48, v. 17, p. 60-77, 2021. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010/6134>>. Acesso em: 30 ago 2024.

NUNES, M., JUCA, V. J.; VALENTIM, C. P. B. (2007). Ações de saúde mental no Programa Saúde da Família: confluências e dissonâncias das práticas com os princípios das reformas psiquiátrica e sanitária. *Caderno de Saúde Pública*, 23(10), 2375-2384.

ONOCKO-CAMPOS, R. T. & Furtado, J. P. (2006). Entre a saúde coletiva e a saúde mental: um instrumento metodológico para avaliação da rede de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) do Sistema Único de Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 22(5), 1053-1062.

PEREIRA, M. G. A seção de método de um artigo científico. **Epidemiologia e Serviços em Saúde**, Brasília, n. 1, v. 22, p. 183-184, 2013. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742013000100020&lng=pt&nrm=iso>.

PREFEITURA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS. **CAPS Centro Norte.** Disponível em: <<https://www.sjc.sp.gov.br/carta-de-servicos/cidadaos/saude/unidades-de-atendimento/caps-centro-norte/#tituloservico>>. Acesso em: 18 jun 2024.

SILVA, A.L.A. & Fonseca, R.M.G.S.D. (2005). Processo de trabalho em saúde mental e o campo Psicossocial. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 13(3), 441-449.

SILVEIRA, N. DA. Imagens do Inconsciente. *In: O atelier de pintura – Abstração e angústia/ espaço subvertido.* Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2015.

TAVARES, R. C. & Sousa, S. M. G. (2009). Os Centros de Atenção Psicossocial e as possibilidades de inovação das práticas em saúde mental. *Saúde em Debate*, 33(82), 252-263.

Agradecimentos

Gostaríamos de expressar nossos agradecimentos ao Professor Eduardo Guadagnin pela orientação, apoio e parceria ao longo do estágio. Sua dedicação e conhecimento foram fundamentais para o nosso desenvolvimento acadêmico e profissional nesta experiência. Agradecemos também à equipe técnica do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), cuja colaboração e acolhimento tornaram possível a realização deste trabalho. Em especial, destacar a enfermeira Mirella, cuja orientação e comprometimento foram inspiradores, proporcionando um ambiente de aprendizado enriquecedor e acolhedor.